

Cinema no Rio começa em Pirapora e Buritizeiro

Telão inflado, projetor ligado, cadeiras a postos. Tudo pronto para mais uma sessão do Projeto Cinema no Rio São Francisco (a partir desta sexta-feira e sábado em Pirapora e Buritizeiro), que desde 2004 percorre o rio da integração nacional com o objetivo de democratizar o acesso à cultura exibindo filmes para as comunidades ribeirinhas.

Esse ano o projeto completa 7 anos de difusão da 7ª arte. Para comemorar a data, a equipe parte para mais uma expedição em abril. Dessa vez, o Cinema no Rio vai percorrer 13 cidades em Minas Gerais. O projeto comemora também os 510 anos do "Velho



Projeto promove intercâmbio cultural ao levar a 7ª arte às populações ribeirinhas do Vale do São Francisco

Chico", esse caudaloso rio habitado por indígenas e anteriormente conhecido como "opará" (o rio-mar).

Ele foi descoberto pelo Navegante Américo Vespúcio no dia 4 de outubro de 1501 - Dia de São Francisco. Desde então, fez parte de importantes momentos históricos do país. Assim, o Cinema no Rio realiza uma série de atividades com o objetivo de promover o intercâmbio com as comunidades que vivem às margens do "Rio dos currais", como também foi historicamente chamado.

A principal atividade é a exibição gratuita de filmes. Crianças, adultos, idosos e até pessoas que nunca viram um filme na vida enchem as praças das cidades. Então é luz, câmera, ação. E as emblemáticas palavras do mundo cinematográfico ganham um novo significado.

Girimunho foi gravado em São Romão

Parte desse novo sentido é criado ali mesmo, já que a equipe do projeto é responsável pela produção e veiculação de um documentário local sobre a cidade e seus habitantes. "Nos outros anos a população era mostrada nos filmes. Dessa vez, ela também vai fazer parte da produção desse curta-metragem", adianta o Diretor da CineAr Produções e responsável pela execução do projeto, Inácio Neves.

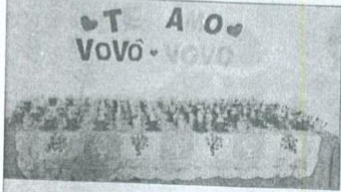
Depois dos documentários, é hora dos filmes, todos nacionais. Esse ano, o projeto conta com 8 curtas-metragens e 6 longas-metragens, entre eles os recentes O Palhaço (com direção de Selton Mello), e Hotxuá (com direção de Letícia Sabatella e Gringo Cardia). O premiado Girimunho, com direção de Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr, também faz parte da lista.

Depois de ser exibido em festivais nacionais e internacionais, o filme finalmente será mostrado na cidade de São Romão (distante 165 km de Pirapora), aonde foi gravado. "O Girimunho nasceu no projeto Cinema no Rio e agora vai ser visto pelos habitantes que me ajudaram a produzi-lo. É o local onde eu mais tenho vontade de passar o filme", conta Helvécio Marins Jr, Diretor do longa.

As comunidades também ganham conhecimento com a oficina de fotografia Imagem em movimento, direcionada a crianças e adolescentes, de 12 a 16 anos. Os oficinairos vão conversar sobre o assunto, ensinar as regras básicas e deixar eles saírem pela cidade fotografando tudo que for interessante. "É o olhar deles sobre o espaço em que vivem", explica Inácio.

Desde que foi criado, o

projeto cultural (produzido pela CineAr, com patrocínio da Oi, apoio da CEMIG e da Lei estadual de incentivo à Cultura) passou por diversas cidades de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, os 5 estados que recebem as águas do Velho Chico. Com as sessões gratuitas dos filmes o Cinema no Rio já levou cultura para mais de 200 mil pessoas.



Encantamento e muita emoção no "Chá dos Avós" na Escola Municipal Rui Barbosa



Foi com grande entusiasmo que recebemos, na tarde do dia 02 de setembro, sexta-feira, os avós de nossos alunos da Educação Infantil para um evento muito especial: o Chá dos Avós, um projeto desenvolvido pelas professoras Aline, Mérica, Greicy Anísia, empossado no livro "Tranças de Binho", que narra a história da relação de

uma avó com sua neta. Durante as atividades, os avós assistiram a apresentações protagonizadas pelas crianças, saborearam o chá e participaram do sorteio de brindes.

As professoras, especialmente a diretora, prepararam este evento com muito carinho para que se torne um momento inesquecível para avós e ne-

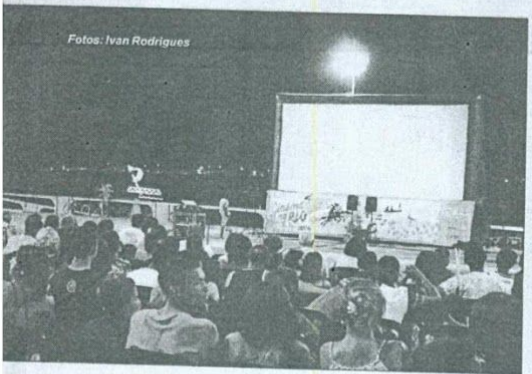
tos, para que cada um presente nesta linda tarde registre, para sempre, desse momento tão prazeroso e emocionante.

Foi uma tarde muito agradável, de muita interação. Um carinho e uma forma de respeito a essas pessoas tão especiais na vida de nossas crianças: nossos queridos avós!



Piraporá recebeu 'Cinema do Rio' com homenagem a Guimarães Rosa

Fotos: Ivan Rodrigues



Piraporá recebeu na noite de domingo (04/09), na orla fluvial, o projeto Cinema do Rio São Francisco, em sua 11ª edição. Desta vez, a Cinear produções fez homenagem a um dos maiores nomes da literatura portuguesa - João Guimarães Rosa - pelos 60 anos da 1ª edição do clássico "Grande Sertão: Veredas". O cinema itinerante, que passou por 10 cidades norte-mineiras, também promoveu, em Piraporá, uma oficina de fotografias no Centro de convenções. As fotos, convertidas em

documentário, foram exibidas à noite no telão também instalado na área de eventos da orla.

Gislene Matias Mendonça, de Buritizeiro, assistiu o cinema ao ar livre com seu filho Pedro, dizendo que ficou impressionada com as cenas de beleza da curta-metragem "Canto de misericórdia", produzido pelos diretores Marcela Bertelli, Inácio Neves e Henrique Mourão.

Também foram exibidos em Piraporá, entre curta-metragens, animados, longa-metragens e documentários, "Meninos e reis"

(de Gabriela Romeu); "Calango Lengo" (dirigido por Fernando Miller); "A mulher que menta para vender santos"; "A Luneta do tempo" (de Alceu Valença) e "5 x Chico" (de Gustavo Spolidoro, Ana Rieper, Camilo Cavalcante e Eduardo Goldstein).

Para Vereador vote em

MAGAZINE

Livros
PÓSTUMO
Viúva de Saramago publica livro inacabado do autor. Pág. 3



www.otempo.com.br

O TEMPO SÃO FRANCISCO, SÁBADO, 11 DE OUTUBRO DE 2016



Telão. Moradores da cidade de São Francisco assistem a filme exibido na quinta-feira, ao ar livre

Cinema

Nona edição do projeto Cinema no Rio São Francisco denuncia situação periclitante do rio por nove cidades ribeirinhas

Em defesa do Velho Chico

■ VINÍCIUS LACERDA

ENVIADO ESPECIAL
SÃO FRANCISCO MG. Em apenas um dia de caminhada e conversa com moradores de São Francisco, município localizado na região Norte de Minas Gerais, é possível notar que a maior baixa do rio, que empresta o nome à cidade, é sentida por todos, especialmente pelos ancianos. Não precisa nem fazer uma pergunta direta, basta pronunciar o nome que os olhares dos moradores rapidamente pro-

curam o chão, como se fossem culpados de algo, como se estivessem vendo um ente querido padecer aos poucos de uma enfermidade. O rio passa pela pior seca dos últimos cem anos, por isso, ninguém o viu em tal estado antes. Sabidamente, um dos moradores definiu o sentimento coletivo com os dizeres: "Ele era mais vivo". A frase está registrada no "Documentário do Rio São Francisco", que foi produzido pela equipe do Cinema no Rio São Francisco, um projeto

que há nove anos leva anualmente filmes brasileiros para praças públicas de cidades ribeirinhas. Com o passar dos anos, o projeto desdobrou-se e foram integradas oficinas, ações de conservação de patrimônio imaterial e de integração da cultura local na programação. Neste ano, o projeto assume o papel de protetor do rio. "Em todas as edições, nós iamos de cidade em cidade pelo rio. Neste ano, quando soube que dev-

ia, percebi que deveria fazer algo", diz o idealizador e coordenador do Cinema no Rio, Inácio Neves. A primeira atitude foi mudar a produção dos vídeos de registro das cidades. Usualmente, a equipe faz um documentário sobre cada cidade, com depoimentos dos moradores, que é exibido antes dos filmes da programação oficial. Neste ano, porém, a equipe viajou pelas nove cidades — seis mineiras e três baianas — com semanas de antecedência para fazer um único documentário que revela a percepção e consequências de pescadores, moradores e comerciantes sobre a seca no Velho Chico. "O vídeo aproxima o ribeirinho da sua realidade ao mostrar algo que ele enxerga, mas nunca vê. Assim, promove uma reflexão importante sobre a riqueza de nossa cultura", avalia o professor local de história e ex-secretário da cultura José Adonai.

Além disso, as exibições desta edição são acompanhadas de uma exposição itinerante com imagens que mostram o rio São Francisco ainda robusto. "É uma forma de motivar a própria população a refletir sobre a situação", diz Neves, que também atua

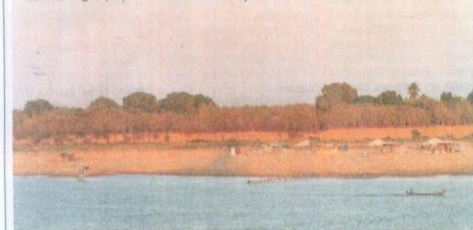
na que o projeto o qual coordena seja um meio pelo qual a situação difícil que o rio passa ganhe mais visibilidade. "A cultura flui pelo rio, assim como a religiosidade e a memória. É, além de tudo, parte destas comunidades", afirma.

CINEMA NA PRAÇA. Durante a primeira exibição do "Documentário do Rio São Francisco", a maioria dos olhares estava direcionada para a grande tela erguida por infelizes. Ao lado dela, dois canhões de luz davam ares de tapete vermelho para os senhores e famílias, cujos filhos mostravam-se ansiosos para assistir ao desenho que também seria exibido naquela noite. Os jovens, por sua vez, dividiam a atenção entre o filme e as conversas com amigos. A auxiliar financeiro Rejane da Silva levou o marido e seus dois filhos, um deles com poucos meses de vida e outro com 4 anos, para o já tradicional dia de cinema na praça. Ficou lá até as 23h e, assim, conseguiu ver os curtas "O Céu no Andar de Baixo", "Os Meninos e o Boi" e a animação "Minhocas" (primeira animação brasileira produzida inteiramente no país). "Três

anos eu compareço e acho ótimo poder ver filmes que não tenho acesso. Meus filhos também gostam muito", contou. Quem também viu os filmes foi a aposentada Maria Rodrigues de Oliveira, 82, que mora em uma casa no entorno da praça e todos os anos coloca sua cadeira do lado de fora para assistir aos filmes. "Acho ótimo quando a praça fica cheia assim", diz a moradora, que passou a adolescência atravessando o rio São Francisco nadando. Sobre a atual situação, apenas diz: "Toda vez que vejo o rio, eu choro".

Já era tarde quando o último filme exibido na noite foi "Vou Rifar Meu Coração", por isso, grande parte do público havia partido. Mesmo assim alguns ainda se encantavam com as histórias e com a pipoca, que é distribuída gratuitamente. Amanhã, outra cidade recebe a exibição dos filmes e junto com eles a mensagem em defesa do Velho Chico.

Imagem. A seca do São Francisco mudou o formato do projeto Cinema no Rio, que antes chegava às cidades de barco e agora por terra



O repórter viajou a convite do Cinema no Rio.
CONTINUA NA PÁGINA 2

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Cinema

ANDRÉ FOSSATI/DEVELOPACÃO



Dona Maria Oliveira recebe participantes da oficina de fotografia

Projeto estabelece relação de troca com as cidades

■ VINÍCIUS LACERDA
ENVIADO ESPECIAL
SÃO FRANCISCO. Em "2004, quando Inácio Neves teve a ideia de montar o Cinema no Rio, que leva filmes nacionais para seis cidades mineiras e três baianas situadas próxima ao rio São Francisco, ele não sabia se conseguiria financiamento, muito menos que projeto se tornaria um instrumento de pesquisa e preservação da memória.

"Amigos duvidavam que eu seria aprovado em lei de incentivo e conseguiria patrocínio. Mas desde criança eu frequentava o rio e achava que a ideia de descer a levantação de cinema para cidades ribeirinhas era ótima. Por isso não desisti e acabei conseguindo os recursos. Meus amigos nem acreditaram", relata o idealizador. A época do primeiro financiamento, de 2.400 projetos inscritos, apenas 50, entre eles o Cinema no Rio, foram aprovados.

A surpresa dos amigos, porém, é questionável. Afinal, o projeto promove a exibição de filmes em praça pública de cidades que não têm salas de cinema. Além do objetivo cultural inerente, o fato de ser itinerante ganha visibilidade aos olhos de patrocinadores. Esse atributo, no entanto, não foram suficientes para Neves, que logo entendeu a relação de troca que o projeto propiciava. "É muita ingenuidade de um produtor que faz eventos no interior achar que está apenas levando cultura. Na verdade, está indo também ao encontro dela", conta.

Foi assim que nasceram reverberações que tomam o projeto um instrumento de investigação da realidade cultural e preservação da memória. A primeira atitude foi a produção de documentários sobre cada uma das cidades que passavam. Dessa forma, por meio de depoimentos de moradores e imagens, o projeto está mantendo vivos casos que regem a cultura popular das cidades.

Há também oficinas lúdicas de fotografia oferecidas

para alunos da rede estadual e explicações sobre produção cultural. "Na escola, já temos uma disciplina sobre produção de eventos, que fica muito mais completa quando profissionais da área relatam o dia a dia da profissão", afirma o estudante do ensino médio Johnatan Nascimento, 18, que participou de um bate-papo com o produtor executivo do Cinema do Rio, Rangel Moreira.

A aproximação entre o projeto e as cidades também acontece por meio da contratação de mão de obra local e pelo convite a grupos artísticos para abrir as exposições. Ambos recebem pelo serviço e, em alguns casos, têm a carreira impulsionada depois de participarem do evento.

O grupo de batuque de Mathias Cardoso, por exemplo, foi convidado por Neves para se apresentar antes de uma sessão anos atrás. Dona Agripina, a líder, recusou a oferta. "O pessoal da cidade não gosta de nossa música", justificou. Depois de muita insistência, o grupo aceitou o convite e, para surpresa de todos os integrantes, todos gostaram e dançaram muito. Um ano depois o grupo viajaria para se apresentar para o então presidente Lula, em Brasília. "Exemplifica a importância de, às vezes, ter um olhar estrangeiro para validar uma manifestação e também aproximar as pessoas", opina Neves.

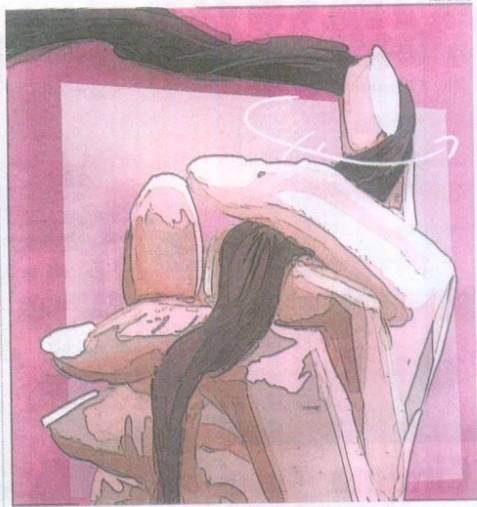
Há muitas histórias como essa, que ilustram a imbricação do projeto com as manifestações da cidade, com seus moradores e, de certa forma, com sua história. Agora, Inácio pretende trabalhar no projeto O Vívido (www.ovividocom.br), que mapeia todas as bacias hidrográficas do Brasil, e prepara-se para atingir o único local que falta para completar todo o rio São Francisco: a represa de Sobradinho. "Está previsto para passar lá no ano que vem e fechar esse ciclo", adianta.

Manias

PAULA PIMENTA

www.paulpimenta.com

A instrução era simples. Listar cinco de suas manias e depois escolher cinco pessoas a quem enviar a corrente para o jogo continuar.



ALIR GALVÃO

Comecei a pensar em como hábitos diários que a gente tem se tornam mania sem a gente nem perceber

Na última semana recebi pela internet uma daquelas correntes que devemos responder e passar adiante. Normalmente, eu deleto sem ler, mas, como quem me mandou foi uma grande amiga, que não costuma enviar bobagens, resolvi prestar atenção. Ainda bem.

A instrução era simples. Listar cinco de suas manias e depois escolher cinco pessoas a quem enviar a corrente para o jogo continuar.

No começo eu achei complicado. Quando penso na palavra "mania", meu primeiro pensamento é "estalar os dedos", que é a mania que eu tenho desde os 10 anos. Mas só que ela está meio em desuso, já não estalo mais os dedos como antigamente e, hoje em dia, quando o faço, é sem nem perceber. Resolvi então descobrir as manias da amiga que me enviou a tal corrente e também as da amiga dela, de quem ela havia recebido previamente, para eu pelo menos ter ideia do tipo de mania que as pessoas têm. Com certeza, deveria ser algo mais interessante do que fazer barulho com os dedos.

Realmente. Minha amiga tem mania de lavar as mãos, grifar livros, ouvir sozinho... A amiga dela tem particularidades como não gostar de cadernos com linhas azuis e adorar caixas. A amiga da amiga dela gosta de ler jornais de trás pra frente e inventar apelidos para os outros. Comecei a pensar em como hábitos diários que a gente tem se tornam mania sem a gente nem perceber.

A primeira coisa que eu faço ao acordar é olhar as

horas. Se não tem nenhum relógio por perto, levanto meio desorientada até encontrar algo que mostre que eu não esteja atrasada ou que não tenha dormido pouco demais. E aí já vem outra mania. Faço as contas todas as manhãs de quantas horas de sono eu tive. Após me levantar, meu primeiro ato é ligar o computador. Só depois que vejo a tela acendendo é que parto para a próxima mania: ir ao banheiro. Pode ser que ir ao banheiro ao levantar-se não seja ma-

Eu, por exemplo, me olho no espelho, prendo os cabelos, olho para a balança, não subo na balança, me olho no espelho de novo, e só então começo a higiene matinal

nia, ou que seja uma mania de todo mundo, mas acho que cada pessoa deve ter um jeito peculiar de executar esses hábitos cotidianos. Eu, por exemplo, me olho no espelho, prendo os cabelos, olho para a balança, não subo na balança, me olho no espelho de novo, e só então começo a higiene matinal.

A revista "Veja", há um tempo, publicou uma reportagem sobre manias que viram doença. Checar várias vezes se a porta está trancada ou não pisar em determinados locais da calçada podem ser indício de TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e lembro que na época fiquei com mania (lá

vem a palavra de novo!) de verificar todos os meus hábitos em busca de indícios da tal doença. Aliás, essa é outra das minhas manias. Se leio sobre alguma doença, já começo a sentir os sintomas dela. É, acho que o meu caso já passou de mania para loucura.

Um amigo, certa vez, me contou que ele precisa ter números congruentes de amigos nas redes sociais. Se o número não é inteiro, ou não tem todos os algarismos pares, ou nenhum tipo de sintonia entre si, ele não dorme enquanto não resolver o "problema". Minha tia quase enlouquece se encontra um cabelinho no sabonete. Minha amiga tem loucura por pinças. São pequenos detalhes de cada pessoa que a gente nem imagina que sejam mania, até chegar uma corrente dessas em nosso computador para nos fazer pensar.

E por falar na corrente, nenhuma dessas foram as manias que listei. Na minha lista (e eu tenho mania de fazer listas) constou: comprar DVDs, ler livros da Meg Cabot, agarrar os meus cachorros e gatos, ser viciada em internet e colecionar luvas e estrelas.

Enfim, eu só respondi mesmo porque tenho mania de responder a questionários. Já as manias das amigas para quem eu respassei não têm nada a ver com isso, visto que apenas uma deu prosseguimento à corrente. Quem sabe você não quer responder no lugar delas? Será que tem alguma mania sua esperando para ser percebida? Aposto que ler crônicas é uma delas...



mais, que só ouvimos falar". Segundo Inácio, esse contato é emocionante, e a recepção do projeto é sempre positiva.

Além dos filmes, o projeto realiza uma oficina de fotografia com as crianças de cada cidade. Elas saem pelas ruas acompanhadas por voluntários do Cinema no Rio, munidas de câmeras digitais, e fazem imagens livremente. À noite, antes de sessão, são exibidas no telão a foto do autor e três fotos dele. "Isso é legal, porque você percebe como eles ficam felizes quando se veem na tela. Eles gritam, aplaudem. O reconhecimento deles por eles mesmos é fantástico", afirma Inácio.

Depois das fotos, filmes. São passados cinco curtas-metragens e um longa. Os temas são variados e leves, e buscam retratar a realidade da vida dessas cidades. Sem drogas ou violência, garantem facilmente a diversão e o sorriso da plateia. "Temos que ter essa delicadeza. Não podemos trazer filmes pesados e passar para eles. Estamos aqui para trazer alegria", explica Inácio.

Em São Romão, o longa-metragem exibido era

sobre duas senhoras que moram na própria cidade, um atrativo a mais para aproveitar a sessão. A protagonista, dona Maria Sebastiana, conhecida como Dona Bastu, é um caso à parte. Personagem de vida rica e características muito peculiares, ela merece um espaço só dela. Na próxima edição, você confere.



Cultura



Diário do São Chico

por Bola Teixeira 0 Comentários 27 ago 2016

O fotógrafo André Teixeira acompanha o Projeto Cinema no Rio São Francisco



O fotógrafo mineiro de nascimento e carioca e botafoguense por opção André Teixeira acompanha o Projeto Cinema no Rio São Francisco registrando todo seu roteiro que iniciou nesta sexta-feira. Durante os próximos 10 dias o fotógrafo abastecerá a PubliXer Magazine de imagens captadas no percurso.

O Projeto chega a sua edição número 11 homenageando Guimarães Rosa pelos 60 anos da primeira edição do livro *Grande Sertão Veredas*. Rosa, a novela e o projeto Cinema no Rio São Francisco têm muito em comum, e isto faz desta versão do projeto de difusão da cultura do Vale e de exibição de filmes, uma das mais especiais já realizadas. São 10 cidades: Manga, Matias Cardoso, Bacarambi, Januária - MG, Pedras de Maria da Cruz, São Francisco, São Romão, Ponto Chique, Ibiai e Pirapora. E nove filmes a serem exibidos em praça pública. O projeto entrou definitivamente na rotina das populações ribeirinhas do Alto São Francisco e já é parte integrante e aguardada do calendário de cultura e embestimento das comunidades por onde passa anualmente.

SERVIÇO
Cinema no Rio São Francisco 2016 - 11ª Edição - agosto/setembro
Realização: CineAR
Patrocínio: Oi e Petrobras
Apoio: Oi Futuro, Confluência, O Vívido, Satplus e Lei Estadual de Incentivo à Cultura MG
Foto: André Teixeira

Tags: André Teixeira Fotografia São Francisco



Pingo: o operário



Vou para Bombinhas



Eu já sabia desde o verão passado

CLIQUE E CONFIRA
O seu transporte em Balneário Camboriú



Pesquisa "fake" agita a noite de segunda



Diário do São Chico - Final



Diário do São Chico IV



O que você procura?

Buscar

Tags

- Atentados
- Audi Alan Open
- Aval
- Brasil
- Brasileirão
- Chapcoense
- Cotribuções
- Dudge
- Dilma
- Djokovic
- Economia
- Eduardo Cunha
- Eleição
- Eleições
- ERC
- Euro Copa
- Exposição
- F1
- Federer
- Festival
- Figueirense
- Fotografia
- França
- Futebol
- Formula 1
- Grand Slam
- Impeachment
- Indy
- Josef Logano
- Lava Jato
- Livro
- Livros
- Luja
- Mostra
- Murray
- Nascar
- Pinquito
- refugiados
- Rock
- Roland Garros
- Terrorismo
- Turismo
- Tênis
- Univali
- US Open

REAL
contabil

Vem pro Gango's!
Rua 3000 com 3ª Avenida, atrás da Localiza, Balneário Camboriú, SC

Comentários recentes.

Arthur Monteiro
Um abraço. Bates um bolão. Bola...
VER ARTIGO →

Arthur
Bacana...
VER ARTIGO →

Harry
Merco



30/06/2012 07h38 - Atualizado em 21/05/2013 12h23

Projetos itinerantes levam a sétima arte a municípios de todo o país

Segundo IBGE, 92% das cidades brasileiras não possuem sala de cinema

 imprimir

O programa **Ação** desta semana mostrou a trajetória de um projeto de cinema itinerante, o **Cine Tela Brasil**, que em 2012 alcança a marca de um milhão de espectadores. Entretanto, o projeto não é o único que leva a sétima arte aos estados brasileiros. Segundo dados do IBGE de 2001, 92% dos municípios não possuem sala de cinema, assim, uma série de projetos sócio-culturais transportam em caminhões telas infláveis e filmes de produção nacional. Além dos longas metragens, oficinas de cinema e workshops também chegam a estes locais.



Estrutura do Cinema no Rio em Minas Gerais
(Foto: André Fossati/ Divulgação)

As cidades que beiram o Rio São Francisco, em Minas Gerais, recebem há oito anos a visita do projeto **Cinema no Rio**. O circuito de cinema itinerante é realizado pela Cinear e patrocinado pela Oi e pelo Governo de Minas. A ideia inicial era levar o cinema em um barco, que iria ancorar no leito do rio de cada município, mas por dificuldades físicas, a trajetória do cinema itinerante é feita também por terra. O idealizador e coordenador do projeto, Inácio Ribeiro Neves, conta que o Cinema no Rio conta com duas equipes, a equipe terra e a equipe água, onde pela estrada segue a equipe técnica, e pelo rio a

equipe organizadora. Em uma tela inflável uma série de longas metragens, curtas e animações, sempre nacionais, são exibidos à comunidade. A pipoca também fica por conta da produção.

Além do cinema, o projeto realiza uma oficina de fotografia, em que os participantes fotografam elementos de sua cidade. Ao final da oficina, no mesmo dia, três imagens de cada participante são escolhidas e exibidas antes das sessões de cinema. Para abrir a sessão, o projeto seleciona grupos locais de música, teatro ou dança para mostrarem também a sua arte. "Nós não levamos a cultura, pois ela já está ali presente, nós apenas a apresentamos a comunidade, que passa a conhecê-la e valorizá-la", ressalta Inácio.

Em 2012, treze cidades de Minas Gerais receberam o Cinema no Rio, que este ano colocou no circuito o filme "Girimunho", premiado no Festival de Havana em 2011, e dirigido por Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr., cinegrafistas que integram a equipe do Cinema no Rio. A personagem do longa, Dona Bastu, foi achada na primeira edição do projeto, em São Romão. "A exibição foi emocionante, além do reconhecimento, os moradores da cidade ficaram eufóricos", orgulha-se Inácio.



Moradores de Canudos assistem a filme no festival
(Foto: Divulgação)

A valorização da cultura local também é o foco do festival itinerante **Cine Fest**, realizado há cinco anos na histórica Canudos, no sertão baiano. O circuito de cinema brasileiro produzido pela Inffinitos roda o mundo, e, no Brasil, é anualmente realizado na cidade de apenas 15 mil habitantes. O cinema não fica restrito aos moradores, envolve também os povoados próximos, como Uauá. A cada ano, um grupo artístico local é escolhido para abrir o festival. E durante uma semana, o projeto ensina jovens de 11 a 18 anos a dirigir, interpretar, filmar, pensar no figurino, para assim, gravar dois curtas-metragens, que são

exibidos no final do festival.

Projeto leva música ao Vale

• Serão ministradas oficinas de iniciação nas áreas de musicalização, sonorização e iluminação em várias cidades

Cláudia Oliveira
claudiaoliveira@hojeemdia.com.br

Inácio Neves está acostumado a desbravar os rincões do Brasil para levar a sétima arte a pequenas cidades onde não há cinemas. Ele é o criador dos projetos "Cineama no Rio" (feito anualmente em cidades ribeirinhas do São Francisco) e "Cineama nos Tribos" (que era realizado em cidades à beira do litoral nordestino do norte do país). Dessa vez, o produtor resolveu adaptar a ideia para outra área, a música.

O projeto "Som no Vale" leva oficinas de iniciação nas áreas de musicalização, sonorização e iluminação para cidades do Vale do Jequitibonha.

Na primeira etapa, sua base nos meses de agosto e setembro, foram escolhidas as cidades de Rio Vermelho, Serra Azul de Minas, Santo Antônio do Humberto, Abreastada de Minas, Distas, Presidente Kubitschek e Serno.

A partir de hoje, acontece a segunda etapa nos municípios de Senador Medeiros Gonçalves, Felício dos Santos, Tormalina, Veredinha e Gouveia.

Outras 11 localidades serão visitadas até março do ano que vem. Todas as cidades escolhidas possuem a Estação Combercinema do Vale, patrocinadora da iniciativa.

OFICINAS E SHOWS
"Há quatro edições para o "Cineama nos Tribos", mas após a crise de 2008, ele deixou de existir, assim como vários outros projetos. Quando tentei voltar com a ideia, a Vale me colocou um desafio: pense num



As vagas para as oficinas são bastante disputadas pelos moradores do Vale do Jequitibonha

Aprendizado: "vamos levar essa experiência para toda a vida"

Moradora de Rio Vermelho, Mauricéia de Jesus Amorim da Silva, de 33 anos, fez questão de participar da oficina de musicalização junto aos seus dois filhos - Sandro, de 14 anos, e Sérgio, de 12. Na apresentação final, ela tocou xilofone, o mesmo mais velho se apresentou com a viola, enquanto o mais novo esteve com o surdo.

"Foi uma coisa muito nova para mim e meus filhos. Nunca tínhamos trabalhado com esse tipo de música. É uma melodia diferente do que estamos acostumados



Todos podem estudar o que aprenderem na oficina

deixar a mão dos garotos, que formaram uma dupla certanço. "Vamos levar essa experiência por toda a vida", acrescenta.

TÉCNICA MUSICAL
Professor de música em três cidades do Vale do Jequitibonha, Anderson da Silva, o Decinho, fez questão de participar das oficinas junto aos seus alunos da Banda de Música de Santo Antônio de Itambé. "Foi inovador para todos nós. Nunca havia conseguido pegar uma música que já existe e dar um arranjo diferenciado para ela. Também muito que técnicas ensinadas pelo professor Cristiano Silva", diz Decinho. Mais do que aprender sobre técnica musical, os garotos puderam ainda entender melhor como trabalhar em grupo. "Hoje é um trabalho conjunto e cada um pode colocar o que estava sentindo. Foi um incentivo para eles estudarem mais, pois viram que a banda pode ter vários outros instrumentos e cada um pode colocar o que estava sentindo. Foi um incentivo para eles estudarem mais, pois viram que a banda pode ter vários outros instrumentos", explica o professor, morador do Serno. (EOD) • maior@hojeemdia.com.br

projeto diferente", diz Inácio Neves, que sempre fez questão de abrir espaço para shows de artistas locais na realização de suas empreitadas.

Em cada cidade, a equipe de 22 pessoas - entre professores, músicos, videomakers, pesquisadores e produtores - trabalha por três dias.

Após as oficinas, todos os envolvidos trabalham em um show, aplicando seus conhecimentos. Além disso, a apresentação de um curta-metragem focado nas aulas e nas pessoas de cada lugar.

As vagas são bastante disputadas por moradores das mais diferentes características. Mesmo assim, a equipe já percebeu que os funcionários das cidades locais buscam pelas oficinas de sonorização, enquanto os músicos não querem apenas uma oportunidade na aula de musicalização, eles também querem aprender sobre luz e som.

MÚSICA PARA TODOS

"Na musicalização, nos preocupamos em ter pessoas de idades diferenciadas, como o pessoal das igrejas, os mestres da viola, o respeito, o que goste de funk. Tem até gente que não sabe tocar nada. Eles ensinam duas ou três músicas e depois tocam numa grande confraternização", explica Neves.

Assim como no "Cineama no Rio", as pessoas se sentem recebedoras ao se verem no palco e na tela. Mas no "Som no Vale" há um diferencial: "O Vale do Jequitibonha é uma região muito musical, é impressionante como todas as cidades têm bandas. O problema é que essas pessoas trabalham com música durante um período da vida e depois 'fim de largar'."



<https://vimeo.com/170649117> (Cinema no Rio 10ª ED-2015)

<https://vimeo.com/8719319> (Cinema no Rio 5ª ED - 2009)

<https://www.facebook.com/CinemanRioSaoFrancisco/videos/1304825172882259/>

- Matéria na Sagarana (<http://revistasagarana.com.br/rio-sao-francisco/>)

- Matéria n'O Globo

(<https://oglobo.globo.com/cultura/uma-tela-de-cinema-na-beira-do-rio-sao-francisco-17405457>)

<https://www.facebook.com/CinemanRioSaoFrancisco/videos/1304825172882259/>

- <https://www.facebook.com/CinemanRioSaoFrancisco/>

- <https://www.goethe.de/ins/br/de/kul/sup/fut/20841325.html> (publicado em alemão)

- <http://www.oifuturo.org.br/evento/cinema-no-rio-mg/>

-<http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2016/08/cidades-do-norte-d-e-minas-recebem-mais-uma-edicao-do-cinema-no-rio.html>

-

<http://redeminas.tv/rio-sao-francisco-e-tema-de-reportagens-no-jornal-minas/>

- <http://canalbrasil.globo.com/programas/cinejornal/videos/1936441.htm>

-

<http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/projeto-cinema-no-rio-sao-francisco-leva-a-telona-para-populacoes-ribeirinhas.htm>

- <https://www.youtube.com/watch?v=H26DSyMVPxY>